

CATÁLOGO DA EXPOSIÇÃO

ROÇA É VIDA



CATÁLOGO DA EXPOSIÇÃO

ROÇA É VIDA

De 24 de junho de 2023 a 10 de março de 2024

CURADORIA COMPARTILHADA

Associação dos Remanescentes de Quilombo de São Pedro
Museu Afro Brasil Emanuel Araujo

Talvez o termo “Roça é vida”, escolhido para nomear esta exposição pode parecer simples, se não analisado a partir de uma cosmopercepção em territórios brasileiros da diáspora africana. Tratando-se do Quilombo São Pedro, comunidade que surge nas primeiras décadas do século XIX e está localizada em meio a Mata Atlântica, assim como muitos outros quilombos do Vale do Ribeira e do país, a roça de coivara é a materialização da manutenção da vida nos territórios coletivos ancestrais. Dela não emergem somente os alimentos, que dão sustentação ao corpo, mas estão também presentes - ou ligados a ela - saberes ancestrais, passados de geração em geração através das práticas e vivências, que se configuram parte do processo de resistência às opressões históricas.

Esta exposição compõe o rol de ações de salvaguarda do Sistema Agrícola Tradicional Quilombola do Vale do Ribeira, bem como possibilita a descolonização de mentes sobre preconceitos carregados sobre nós, povo que construiu este país, povo negro, povo quilombola.

Em cada utensílio, em cada foto, em cada minuto do filme e em cada ilustração está uma pequena parte de uma dimensão maior, de diversos contrastes, que são os territórios quilombolas do Vale do Ribeira: territórios de histórica negação de direitos a políticas públicas essenciais à vida, territórios de cultura e ancestralidade, territórios de preservação ambiental, com segurança e soberania alimentar. A roça quilombola é vida porque alimenta o corpo e a alma!

Luiz Marcos de França Dias

ASSOCIAÇÃO DOS REMANESCENTES DE QUILOMBO DE SÃO PEDRO

Roça é vida, resistência e liberdade

O meu primeiro contato com os quilombos do Vale do Ribeira foi em 2014, quando conheci as comunidades de Ivaporunduva, Pedro Cubas, Sapatu e Mandira no contexto de uma disciplina de graduação do curso de História da Universidade de São Paulo que eu acompanhava como estagiário. Na ocasião, fiquei impressionado por duas grandes sensações de familiaridade. A primeira foi despertada pelos sotaques, pelas relações com a terra, as plantas e os bichos e, especialmente, pela grande semelhança entre os saberes e as narrativas que ouvi ali e aquelas que cresci ouvindo das minhas avós Maria e Dirce. Duas mulheres caipiras e crescidas na roça. A segunda sensação de familiaridade teve a ver com o modo como os quilombolas apresentavam os seus territórios e tudo o que eles evocam — e isso me remeteu ao trabalho de uma visita mediada a um museu, como em um roteiro que dá sentido ao que está exposto ao público. Assim começava não só uma pesquisa de doutorado, mas também uma relação de proximidade com as pessoas e com as suas histórias naquela região. Quase dez anos depois, a exposição *Roça é Vida*, no Museu Afro Brasil Emanuel Araujo, materializa de outra forma o mesmo encontro que identifiquei naquela visita, pois o meu referencial de visita mediada era justamente o que tinha dos anos em que trabalhei como educador nesse mesmo museu.

A exposição *Roça é Vida* é o resultado de uma parceria construída entre o Quilombo São Pedro e o Museu Afro Brasil Emanuel Araujo, um importante laço que apresenta ao público as relações estabelecidas há séculos entre as comunidades quilombolas do Vale do Ribeira e a Mata Atlântica, na região onde se encontra o maior contínuo do bioma no Brasil. Reconhecido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) como patrimônio imaterial brasileiro em 2018, o Sistema Agrícola Tradicional das Comunidades Quilombolas do Vale do Ribeira é um conjunto de saberes, lugares, formas de expressão e celebrações profundamente interdependentes e sustentados por um saber: o *modo de fazer roça*, caracterizado pela itinerância, pela coivara e por um conhecimento acumulado durante séculos, a partir da observação dos ciclos da natureza, entendida como um organismo que precisa de cuidados como o descanso.

Há décadas, os movimentos negros e a História Social da Escravidão têm apontado para as diversas estratégias de resistência adotadas no contexto do regime escravista, entre elas o cultivo das roças de subsistência. À luz de um clássico estudo de Robert Slenes, podemos compreender a roça como uma das mais importantes marcas da autonomia alimentar e da reprodução de práticas tradicionais relacionadas ao alimentar-se, à qual tinham acesso, por exemplo, as pessoas escravizadas quando se casavam. Nesse sentido, o historiador entende a roça como sinônimo de resistência, associada a outras estratégias para a melhoria das condições de vida, indo ao encontro do que podemos notar entre as comunidades do Ribeira:

“O escravo que trilhava esse caminho, igual ao quilombola, levantava seu ‘mocambo’; *resgatava seu passado, que não era apenas a dor, e usava-o para enfrentar o que vinha pela frente. Cultivando sua ‘roça’ um dia*

por semana e tentando formar uma família e um 'lar' em torno dela, ele não virava apenas uma sétima parte de um camponês, ganhando com isso um certo espaço psicológico, porém continuando a ser na sua maior parte (ou essencialmente) 'escravo'. Ele conquistava 'direitos' e formava uma visão de economia moral que ajudava a aglutinar sua comunidade, solidificando a determinação coletiva de colocar limites à exploração senhorial. (...) Na verdade, o 'lar' e a roça constituíram-se como uma encruzilhada da identidade, onde se encontravam tradições africanas de diversas origens: o âmago do processo de criação de uma classe ou, talvez, de uma nação. Garantiram que, mesmo onde não parecia haver chispa alguma, pudesse explodir um incêndio a qualquer instante para devorar os senhores e sua sociedade".¹

Isso está corporificado, por exemplo, nas palavras de Aurico Dias, importante liderança e agricultor do quilombo São Pedro, ao ressaltar o aprendizado construído enquanto acompanhava seus pais na infância:

"O nosso trabalho não era escravo, era um trabalho de formação, um trabalho de aprender, um trabalho para que a gente ficasse sabendo algumas coisas (...)".²

Suas palavras lembram as de Antônio Bispo dos Santos, Nego Bispo, importante pensador quilombola do Piauí, que ressalta as diferentes concepções de trabalho que existem entre colonizadores e contra-colonizadores: o trabalho como sofrimento e exploração versus o trabalho como relação com a terra e com a comunidade. O trabalho na roça quilombola

1 SLENES, Robert W. *Na senzala, uma flor: esperanças e recordações da família escrava* — Brasil Sudeste, século XIX. 2ª ed. Campinas: Ed. Unicamp, 2011, p. 191-193; 200-201; 213-214. Ênfases minhas. Cabe o adendo que Slenes entende que "antes de serem capturadas e trazidas ao Sudeste do Brasil, muitas das pessoas desterradas da África Central, talvez a maioria, já eram praticamente 'quilombolas' — inclusive no sentido original da palavra, já que moravam em aldeias que eram pouco mais do que 'acampamentos (de guerreiros)'" (Id., *Ibid.*, p. 181).

2 INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. *Dossiê Sistema Agrícola Tradicional Quilombola do Vale do Ribeira*, SP, v. 1, 2017, p. 72-73. Ênfases minhas.

e a convivência por ele proporcionada são formas privilegiadas para a transmissão de saberes, além de evocarem narrativas históricas que são “vetores importantes de continuidade dos saberes sobre a ordem do mundo”, como as histórias sobrenaturais que fazem parte do repertório local e as próprias histórias das famílias, dos lugares, dos caminhos.³

Iniciativa quilombola que dá nome à exposição, o livro *Roça é Vida*, fruto da parceria entre o GT da Roça e o Iphan/SP, é uma narrativa com personagens que simbolizam a relação entre os quilombolas do Vale do Ribeira e o seu sistema agrícola. Estes personagens, cujos nomes fazem referência a conceitos, valores e circunstâncias marcantes do modo quilombola de pensar e viver, nos conduzem em uma história — apresentada por Fartura, filha da Experiência e neta da Tradição — que é a da luta pela terra e pelo reconhecimento do sistema agrícola tradicional, comunicando a centralidade da roça para a continuidade das comunidades e da Mata Atlântica.

A partir da narrativa, vemos ainda uma definição precisa e uma defesa da coivara contra a criminalização que lhe é imposta, lembrando que a terra é viva e que precisa de um tempo de descanso. O texto também pode ser compreendido como uma ode aos *direitos da natureza*, ontologicamente ligado aos direitos dos povos tradicionais. A conclusão da narrativa é o casamento dos personagens Resistência e Êxodo, então fixado no campo: “os dois juntos geraram ESPERANÇA, minha netinha, e ela é quem nos faz seguir resistindo. A arteira adora tomar banho no rio, subir nas árvores e brincar na chuva. Gosta também de participar da corrida da bandeira do Divino Espírito Santo nas casas, da Folia de Reis e da romaria de São Gonçalo”. A Fartura demonstra que o futuro está na Esperança,

3 INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. *Op. cit.*, v. 1, 2017, p. 73.

que depois de ter nascido é vista como se sempre tivesse estado junto deles. A Esperança também está sempre presente na feira anual de troca de sementes, nas apresentações culturais e na vivência da “partilha de saberes que os [seus] pais cultivam e trocam com outras comunidades”.

Esta exposição é uma das muitas ações de salvaguarda, isto é, de cuidado com o patrimônio cultivado por comunidades quilombolas como a de São Pedro. Seja pelas aquarelas de Amanda Nainá dos Santos e de Vanderlei Ribeiro (Deco), seja pelos objetos relacionados ao modo de fazer roça e à cultura material quilombola, bem como pelos registros do cotidiano desse quilombo, é possível conhecer algumas das expressões escolhidas pela própria comunidade para comunicar aquilo que a sustenta.

Roça é Vida apresenta, sobretudo, a história da luta pelo território e pela Terra, uma luta em *puxirão*, em conjunto, pela continuidade dessas comunidades quilombolas e da própria Mata Atlântica, essa floresta sociobiodiversa construída durante séculos pela natureza em parceria com as comunidades tradicionais.

David Ribeiro
HISTORIADOR

Agô!¹

Sobre a parceria Museu Afro Brasil Emanoel Araujo e Quilombo São Pedro

Em 2016, a Associação Museu Afro Brasil e a Associação dos Remanescentes de Quilombo de São Pedro iniciaram uma parceria articulada pelo Grupo Técnico de Coordenação do Sistema Estadual de Museus de São Paulo (GTC SISEM-SP), visando um projeto piloto que contribuísse com a salvaguarda e a extroversão de bens, memórias, saberes e fazeres ancestrais dos quilombos paulistas. A parceria, que tomou como base a museologia social, possibilitou diálogos e experiências a partir de visitas a museus, comunidades culturais e exposições, além de vivências no território do Quilombo, no Museu Afro Brasil Emanoel Araujo e na 13ª Feira de Trocas de Sementes e Mudanças Tradicionais das Comunidades Quilombolas do Vale do Ribeira.

Uma das ações dessa parceria se deu no período de maior impacto da Covid-19, quando a Cooperativa dos Agricultores Quilombolas do Vale do Ribeira, Cooperquival, implementou o projeto emergencial *Do Quilombo para a Favela*, como alternativa de escoamento de trezentas e trinta toneladas de produtos agrícolas orgânicos, diante do fim da aquisição desses alimentos pelo Ministério da Educação, para o Programa Nacional de Alimentação Escolar – PNAE.

1 Palavra do idioma Yorùbá que expressa pedido de licença, permissão ou passagem.

Na ocasião, a Associação Museu Afro Brasil apoiou a iniciativa por meio da campanha *Dos quilombos às periferias: resistência contra a fome*. Lançada na plataforma *Benfeitoria*, no dia 30 de novembro de 2021, e encerrada em janeiro de 2022, a ação possibilitou a aquisição e doação de cerca de duas toneladas de alimentos, contribuindo com a renda dos agricultores quilombolas, com o acesso à alimentação de qualidade e com a valorização do Sistema Agrícola Tradicional Quilombola.

Em 2023, a parceria se consolidou com a formação do *Grupo de Trabalho Museu Quilombo São Pedro e com a Oficina Prática de Curadoria*, resultando no vídeo documentário *Quilombo São Pedro: Modo de ser e viver* e na exposição *Roça é Vida*², bonitos resultados do encontro de tempos, espaços, histórias e saberes, das nuances de um percurso rico em escutas, respeito, encantos e trocas, de importantes presenças e contribuições.

Inaugurada em 24 de junho de 2023, a exposição reuniu diferentes tipos de objetos do acervo do Quilombo, tais como fotografias, ferramentas de trabalho e utensílios de uso cotidiano, além de sementes crioulas típicas do Sistema Agrícola Tradicional Quilombola. Também foram expostos o vídeo documentário e as aquarelas que ilustram os livros *Roça é Vida* (2020) e *Na companhia de Dona Fatura: uma história sobre cultura alimentar quilombola* (2022), dos quais também foram extraídos trechos de textos. Tais conteúdos encontram-se reunidos no catálogo *Roça é Vida*, como mais uma forma de contribuir com a missão de salvaguardar e de difundir bens, memórias, saberes e fazeres ancestrais dos Quilombos.

² O detalhamento das ações desenvolvidas nesta parceria está disponível para consulta no Centro de Preservação, Pesquisa e Referência do Museu Afro Brasil Emanuel Araujo.

Muitas são as pessoas a agradecermos pelas etapas e pelos resultados desta parceria. Em nome da equipe da Associação Museu Afro Brasil, agradeço a cada uma delas. Nosso desejo é que os resultados do *Projeto MAB Quilombos* também contribuam para a sensibilização de todas as pessoas que os acessam e que reverberem principalmente nas instâncias públicas e privadas para que promovam respeito e valorização a todas as comunidades quilombolas, fomentos de acordo com as suas especificidades e a permanência e manutenção do que conquistaram com anos de trabalhos, lutas, lutos e enfrentamentos ao racismo.

*Aweto!*³

Janderson Brasil Paiva

ANALISTA DE ARTICULAÇÃO EM REDE | PROGRAMA CONEXÕES MUSEUS SP
ASSOCIAÇÃO MUSEU AFRO BRASIL | MUSEU AFRO BRASIL EMANOEL ARAUJO

3 Palavra do idioma Bantu que significa “assim seja”.



O Povo da Tradição

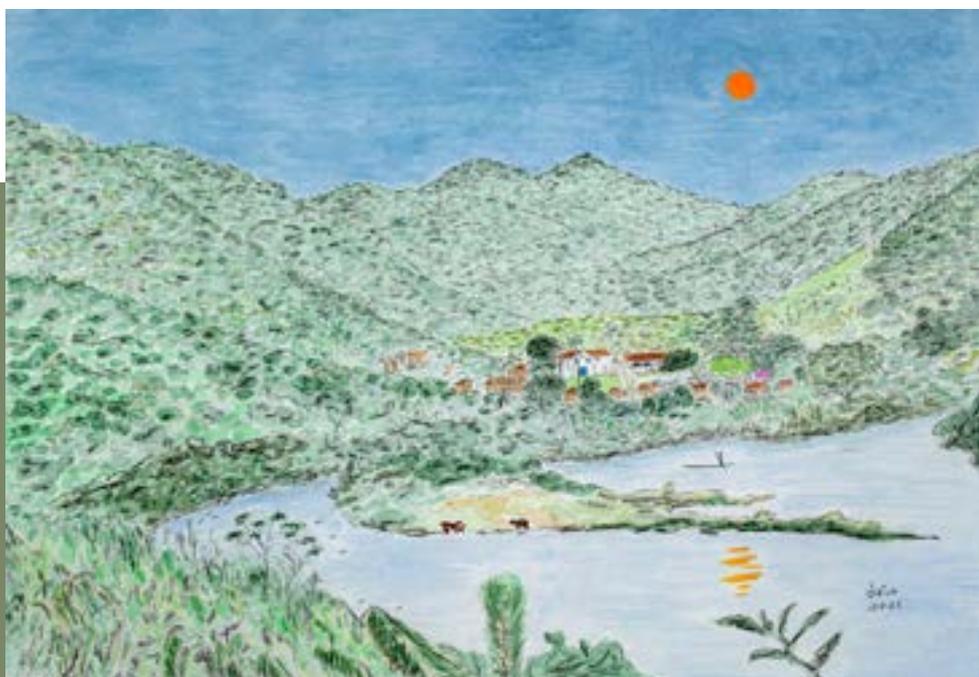
No Reino da Tradição, homens, mulheres e crianças aprendem a observar, interpretar e respeitar os sinais da natureza, pois estão conectados a ela. Assim, quando o sabiá canta, nos últimos meses do ano, é o pássaro abrindo a boca para dizer que é tempo de plantar arroz. Quando as saracuras cantam, as pedras choram ou os sapos se alvoroçam, é anunciada a chegada da chuva. As fases da lua e o modo como as estrelas no céu se apresentam, indicam o tempo do plantio, cultivo e colheita das lavouras, da caça e da pesca, também a extração de cipós, madeiras e outras fibras naturais para a feitura de artefatos, artesanatos e utensílios do dia a dia. Existem os pássaros que cantam agouro e anunciam passagem para o plano ancestral.

Agouro:

Previsão de algo ruim a partir dos hábitos dos animais.

Saracura:

Ave da família *Rallidae*, geralmente de ambiente aquático, que possuem pernas e dedos longos sem membranas natatórias.



Vanderlei Ribeiro
– Deco

Luar, 2021
Aquarela sobre
papel

Ilustração
para o livro
*Na companhia
de Dona Fartura,*
uma história
sobre cultura
alimentar
quilombola

29,7 x 42 cm

O Rei Tempo Livre é sábio, observador e conhecedor da natureza. Protetor dos caçadores e dos animais. É o guardião do território e da organização social do reino. Um belo homem que conversa com a mata e com as águas. Ele lê os sinais presentes no céu e na terra. Para ele, tudo tem o seu tempo, e tudo está relacionado ao tempo da vida em todos os planos.



Amanda Nainá dos Santos

Rei, 2022
Aquarela sobre papel

Ilustração para o livro
*Na companhia de Dona
Fartura, uma história
sobre cultura alimentar
quilombola*

29,7 x 21 cm

Amanda Nainá dos Santos

Rainha, 2022

Aquarela sobre papel

Ilustração para o livro
*Na companhia de Dona
Fartura, uma história
sobre cultura alimentar
quilombola*

29,7 x 21 cm



A Rainha, grande guardiã das lavouras e da moradia, é conhecedora do poder curativo das plantas medicinais e de uma infinidade de espécies alimentares. Mulher sábia, bonita, ativa e valente, trabalha em contato direto com a terra e é a grande mediadora de conflitos. Ela se inspira no exemplo da mãe terra, por isso, é muito generosa. A Rainha Cultura Alimentar garante que todos e todas tenham terra para plantar, tenham colheita para se alimentar e casa para morar. Essas são as bases para o bem viver coletivo no reino.

Lavoura: Plantação.

Luiz Ketu
**Placa
de identificação
do território**
sem data



Luiz Ketu
**Vista parcial
Quilombo
São Pedro**
sem data





Luiz Ketu
**Procissão na
Festa Quilombo
São Pedro**
sem data



Luiz Ketu
**Hasteamento
do mastro
de São Pedro**
sem data

Luiz Ketu
**Amarrando ripas
para parede de
pau-a-pique**
2019



Luiz Ketu
**Amarrando as
ripas para casa
de pau-a-pique**
2019





Luiz Ketu
**Barreação de casa
de pau-a-pique**
2019



Luiz Ketu
Casa de pau-a-pique
2019



Vanderlei Ribeiro - Deco

Teipa, 2021
Aquarela sobre papel

Ilustração para o livro
*Na companhia de Dona
Fatura, uma história
sobre cultura alimentar
quilombola*

42 x 29,7 cm

“Atiçamos o fogo com a lenha de tabocuva para preparar o jantar e secar o arroz que estava no apá em cima do tendá. (...) Cada vez que visitamos a rede nas águas do rio, o Ribeira nos presenteia com aniá, cascudo, saguaru, mandi, taira, nundjá, acará, lisbão, corimba, lambari e outros peixes”.

Apá: Utensílio utilizado para abanar grãos.

Tabocuva: Árvore nativa da América do Sul. Nome científico: *Pera glabrata*.

Tendá: Suporte feito de bambu ou madeira, utilizado acima do fogão de lenha para defumar carnes, secar arroz e outros alimentos.



ESTEIRA
Fibra de taboa
130,2 x 197,3cm



CHALEIRA
Ferro
27,2 x 17,5 x 27,1 cm



TACHO DE FARINHA

Cobre

78 cm (diâmetro)

Utilizado para torra
de mandioca ralada,
até o ponto de farinha.



FRASCO COM PERFUME

Vidro

21,2 x 10,2 x 10,2 cm



**FERRO DE
PASSAR ROUPAS**
Ferro e madeira
20 x 10 x 22 cm



PÉ DE FERRO

Ferro

17,8 x 15 x 15 cm

Utilizado para fabricação
artesanal de calçados.



PILÃO DEITADO

Madeira

Pilão: 34,2 x 71,7 x 36,8 cm

Mão de pilão: 121 x 6 cm

Utilizado para descascar ou triturar grãos e para a feitura de alimentos como paçoca, cuscuz de arroz, entre outros.



RODA DE FARINHA

Madeira e ferro
93 x 92 x 77 cm

Utilizado para ralar mandioca
para o preparo de farinha.



SARAQUÁ

Madeira Erva de Macuco e metal
185 x 5 cm

Utilizado para abrir
fendas na terra para
o plantio de sementes.



CESTOS

Cipó timbopeva

31 x 39 x 28 cm

36 x 42 x 31 cm

31 x 51 x 31 cm

Utilizados para transportar alimentos da roça.



PIQUA

Tecido
60 x 35 x 15 cm

Utilizado para
o transporte de sementes
durante o plantio.



BATEIA

Ferro

48,2 x 47 x 7,8 cm

Utilizado no garimpo para
separar pedras preciosas.



APÁ OU PENEIRA

Tiras de taquaruçu e embira
de imbaúba-vermelha

Utilizada para abanar grãos.



APÁS OU PENEIRAS

Tiras de taquaruçu e embira
de imbaúba-vermelha

Utilizadas para abanar grãos.

Tá na hora da Roça! Roça de Coivara!

Mexendo e experimentando, trabalhamos a roça de coivara para alimentar todas as famílias da comunidade. Todo esse conjunto de saberes e técnicas passado de geração a geração, e a interação com todos os elementos da natureza, são conhecimentos que fazem parte de um grande ciclo conhecido como Sistema Agrícola Tradicional Quilombola.

Vanderlei Ribeiro
- Deco

Roça de milho, 2019
Aquarela sobre papel

Ilustração para o livro *Roça é Vida*

29,7 x 42 cm





Letícia França
**Queimada com
aceiro**

2020



Letícia França
Roça de coivara

2020

RECONHECIDO PELO IPHAN COMO PATRIMÔNIO CULTURAL BRASILEIRO, A ROÇA DE COIVARA

Pelo IPHAN reconhecido
alegres vamos festejar
a roça de coivara
quilombola
não podemos descansar.
Não ficar adormecido
a voz de Zumbi diz
que não podemos parar
muitas vezes
amedrontado e
esquecido
mas não se pode
desanimar.
Com fé, força e ardor,
com muita união,
por isso é que eu digo:
lutar sempre em mutirão.
Quilombola sempre foi
soldado
que cedo ao trabalho sai
cuida pelo seu roçado

não pode descuidar
tudo tem tempo marcado
na hora de plantar.
Se não fossem esses
abnegados
o povo da cidade não iria
se alimentar
se ele planta atrasado
a vaca vai pro brejo
porque arroz e feijão
ainda não vi fabricar.
Olha firme o infinito
acredita no Deus pai
pede a ele proteção
que nunca falte o pão
em cada mesa de um lar
para que cada família
possa a fome saciar.

Leonila Priscila Da Costa Pontes
QUILOMBO ABOBRAL MARGEM
ESQUERDA, EL DORADO-SP

Abnegado: Aquele que se sacrifica em favor de outra pessoa.

Brejo: Terreno alagadiço e lodoso.

Coivara: quantidade de ramagens a que se põe fogo nas roçadas para desembaraçar o terreno e adubá-lo com as cinzas, técnica agrícola utilizada em comunidades tradicionais como quilombolas, indígenas, caiçaras e ribeirinhas.

Mutirão: Mobilização coletiva para ajuda em determinada tarefa.

Saciar: satisfazer.

Trabalhamos no quilombo na relação de compadrio, um ajudando o outro, em forma de coletividade.

Fazemos o puxirão, a reunida, a troca de dia, o ajutório, a poiuva ou a “de-mão”. De onde eu venho, plantamos arroz, feijão, milho, inhame, cará, rama de mandioca, maracujá, limão, banana maçã branca, muitas hortaliças e mais de duzentos e quarenta variedades que servem de alimentos e remédios. Tudo sem veneno. Nós plantamos saúde!

Puxirão, Reunida, Troca de dia, Ajutório, Poiuva, De-mão: modos de mobilização coletiva para ajuda em determinada tarefa.

Luiz Ketu
**Em meio à
floresta, roça**
2020



Luiz Ketu
**No caminho
dos antigos -
indo para a roça**
2020



Luiz Ketu
**Puxirão de
colheita de arroz**
2019





Luiz Ketu
**Puxirão de
colheita de arroz**
2019



Luiz Ketu
**Colheita de roça
de arroz**
2019



Luiz Ketu
**Paio para guarda
temporária da
colheita na roça**
2019

Os conhecimentos quilombolas revelam uma visão de mundo voltada para o social e em consonância com a garantia de direitos tanto para seu grupo social como para a própria natureza, que dele faz parte, por isso sua preocupação em trabalhar respeitando a natureza respeitando-a como um Ente, tratando a terra como uma mãe em seu sentido ancestral e com direito a existir porque nos antecedeu.









Feijão Carioca





**Milho Crioulo e
Espiga de Milho**



Vanderlei Ribeiro - Deco

**FEIRA DE TROCA DE
SEMENTES E MUDAS
QUILOMBOLAS, 2019**

Aquarela sobre papel/Tinta à
base de terra do quilombo

Ilustração para o livro
Roça é Vida

29,7 x 42 cm

Feira de sementes

ESPERANÇA adora ir à feira anual de troca de sementes e mudas das comunidades quilombolas do Vale do Ribeira ver as várias apresentações culturais e vivenciar a partilha de saberes que os pais cultivam e trocam com outras comunidades, mantendo viva a nossa tradição.

Eu sou a FARTURA. Sou filha da EXPERIÊNCIA e minha avó é a Mestra TRADIÇÃO. Muitos dos filhos e filhas de minha avó foram trazidos de diversos países da África e formaram quilombos no Brasil. Todos nós, quilombolas, somos detentores de um bem, o rico conhecimento ancestral, herdado da Tradição.

Amanda Nainá dos Santos

TRADIÇÃO EXPERIÊNCIA, 2019
Aquarela sobre papel

Ilustração para o livro *Roça é Vida*

21 x 29,7 cm

Ancestral: que vem do familiar mais antigo, dos antepassados.





Vanderlei Ribeiro -
Deco

TERRITÓRIO, 2019
Aquarela sobre papel/
Tinta à base de terra
do quilombo

Ilustração para o livro
Roça é Vida

29,7 x 42 cm

Assim como os outros filhos da Mestra TRADIÇÃO, a minha mãe, EXPERIÊNCIA, formou família em terras quilombolas, dentro da Mata Atlântica, na região do Vale do Ribeira, no Estado de São Paulo. Mamã EXPERIÊNCIA ensinou os seus herdeiros a cuidar, a amar e a respeitar a terra, as nascentes, a flora, a fauna e tudo que existe dentro do nosso território. Sabe por quê?

Porque o território alimenta todo mundo, gente, bicho, planta – o território é vida!

Nascente: De onde surge um curso de água, fonte, mina, olho d'água.

Nós das comunidades quilombolas do Vale do Ribeira aprendemos com os nossos mais velhos a mexer com a terra desde que nascemos. Meu filho ÊXODO e minha filha CONTINUAÇÃO nasceram aqui na roça, nas mãos da avó EXPERIÊNCIA, parteira estimada das comunidades. Desde pequeninos, os ensinei a mexer com a terra, assim como compadre TERRITÓRIO e comadre LUTA também ensinaram a sua filha RESISTÊNCIA. Aqui eles aprenderam a trabalhar na terra e dela adquiriram muitos conhecimentos.

| **Fértil:** Que possui alta capacidade produtiva.

Amanda Nainá
dos Santos

PARTEIRA, 2019
Aquarela sobre papel

Ilustração para o livro
Roça é Vida

21 x 29,7 cm





Vanderlei Ribeiro - Deco

CAPOEIRA, 2019
Aquarela sobre papel

Ilustração para o livro
Roça é Vida

29,7 x 42 cm

Então, ele abriu a boca entusiasmado e começou a explicar o que sabia:

— Eu sei fazer roça, roça de coivara!

Boquiaberto e surpreso, o entrevistador continuou:

— O quê?

— Ora homê! A roça de coivara é a base do Sistema Agrícola

Tradicional Quilombola.

— O que é isso? Como é?

— Vou explicar! A roça de coivara é uma técnica de manejo tradicional em que usamos o fogo para o melhor aproveitamento do solo na plantação de todos os nossos alimentos.

— Mas o uso do fogo agride o meio ambiente! – disse o entrevistador.
— Do jeito que fazemos, não agride não. Olha, primeiro escolhemos a área fértil para fazer a roçada e a derrubada da vegetação; depois, picamos os galhos das árvores já derrubadas. Em seguida, fazemos o aceiro para o controle do fogo durante a queimada. Posteriormente, selecionamos as sementes e mudas para o plantio.

Vanderlei Ribeiro - Deco

ACEIRO, 2019
Aquarela sobre papel

Ilustração para o livro *Roça é Vida*

29,7 x 42 cm

Aceiro: Desbaste de um terreno em volta de propriedades, matas e coivaras, para impedir propagação de incêndios.





Vanderlei Ribeiro
- Deco

ROÇA, 2019
Aquarela sobre
papel

Ilustração para o
livro *Roça é Vida*

29,7 x 42 cm

— E depois? – perguntou o entrevistador, interessado na explicação.

— A gente cuida das plantas até a colheita em seguida cultivamos outras espécies de alimentos. Desse modo evitamos a abertura de novas áreas

e aproveitamos o máximo dos nutrientes do solo. Depois disso a área fica em pousio para que a vegetação possa se regenerar. E nós iremos cultivar outra área para novos plantios. Vamos fazendo um rodízio das áreas.

— Pousio?

— Sim, nós quilombolas temos a prática de trabalhar a terra, manejá-la, cultivá-la, mas também deixamos a terra descansar, porque assim como as pessoas, a terra é viva e precisa de um tempo de descanso. É isso que nós chamamos de pousio.

Pousio: Descanso das terras cultiváveis, onde a utilização do solo é pausada para torná-lo mais fértil.

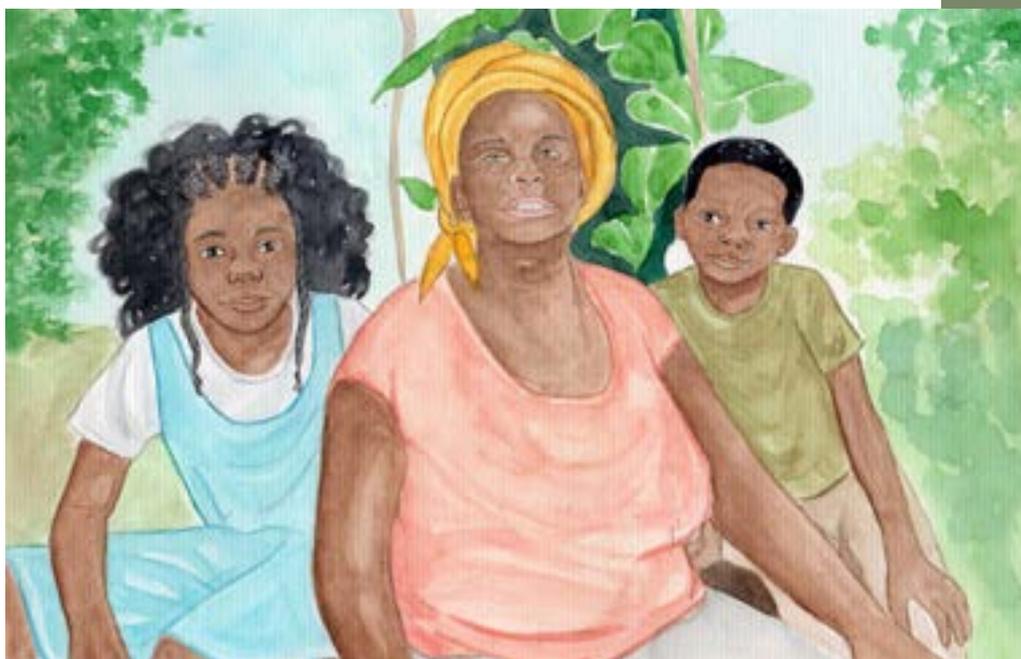
Rodízio: Alternância planejada e ordenada de utilização do solo em uma área em um dado período.



Amanda Nainá
dos Santos

MÃOZINHAS,
2022
Aquarela sobre
papel

21 x 29,7 cm



Amanda Nainá
dos Santos

**AVÓ E
CRIANÇAS,**
2022
Aquarela sobre
papel

21 x 29,7 cm

Nosso Lugar Encantado é Quilombo Entranhado

Todo quilombola que planta a semente na terra é também uma semente que está plantada no território, e no tempo livre da natureza vira ancestral e a terra o recebe. É por isso que celebramos a vida no território que a todos alimenta e acolhe.

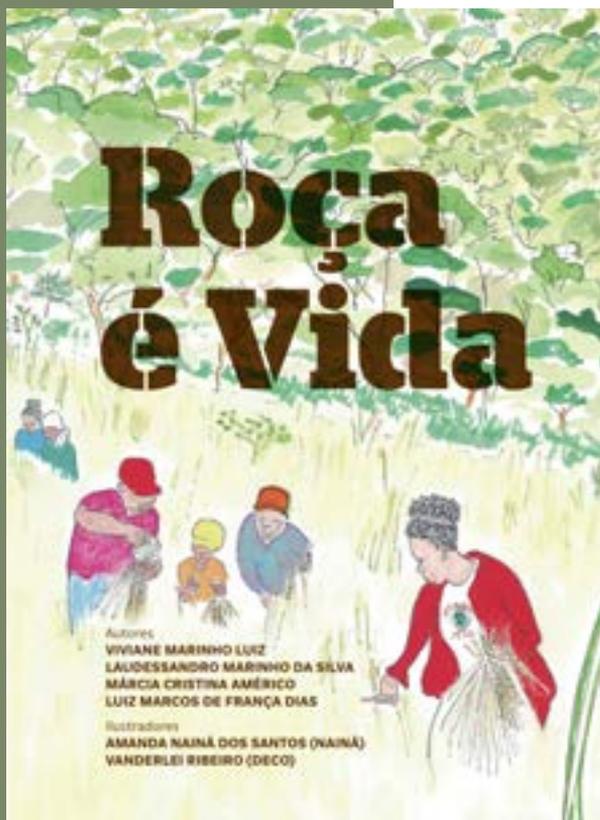
Vanderlei Ribeiro - Deco

FESTA, 2021
Aquarela sobre papel / Tinta
à base de terra do Quilombo
São Pedro.

Ilustração para o livro *Na companhia de Dona Fartura, uma história sobre cultura alimentar quilombola*

29,7 x 42 cm





Roça é Vida



Na companhia de Dona Fartura, uma história sobre a cultura alimentar quilombola

Os livros “Roça é Vida” (2020) e “Na companhia de Dona Fartura: uma história sobre cultura alimentar quilombola” (2022) foram propostos, escritos e ilustrados pelo Grupo de Trabalho da Roça, formado por pesquisadores, educadores e artistas quilombolas e a quilombados, e realizados em parceria com o Instituto Socioambiental, com financiamento da União Europeia. O primeiro livro contou ainda com a parceria do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, e o segundo, com a parceria da Cooperativa dos Agricultores Quilombolas do Vale do Ribeira – Cooperquivale.

O Coletivo Mulheres Quilombolas Na Luta surge no ano de 2019 articulado por mulheres dos Quilombos São Pedro, Galvão, Ivaporunduva, Piririca e Nhunguara, localizados nos municípios de Eldorado e Iporanga, na região do Vale do Ribeira-SP. Com o objetivo do fortalecimento de mulheres quilombolas no território, de forma abrangente e interseccional, articulamos as categorias de raça, classe, gênero e território, sem descaracterizar ou invalidar a oralidade como marca central das comunidades tradicionais quilombolas. A metodologia adotada pelo Coletivo são as rodas de conversa, circulares e rotativas nos territórios e que nos remetem à base da oralidade como epistemologia africana, nossa história e memória em conexão com o ancestral. As vidas nesses espaços também são gestadas por uma organização de mulheres em conexão com o território, que compreende tudo o que nele está: a vivência com a sacralidade da terra, do rio, das folhas, das cachoeiras, dos bichos, demais entes da natureza, e do umbigo das pessoas mais velhas fincados no território. Esses conhecimentos são direcionados para o processo organizativo das comunidades e suas gerações. As demandas que compõem as pautas expressam as consequências interligadas ao racismo (estrutural e estruturante), patriarcado, machismo, sexismo e homofobia. A compreensão das opressões e estabelecimento de formas de enfrentamento das violências sofridas pelas mulheres é essencial para a continuidade da luta pelos territórios.

Márcia Cristina Américo e Viviane Marinho Luiz



Amanda Nainá dos Santos

**MULHER
CACHOEIRA
- FORÇA DA
NATUREZA
QUE DESÁGUA
PELO MUNDO,
2020**

Aquarela
sobre papel

Logotipo
do Coletivo
Mulheres
Quilombolas
na Luta - MQNL

29,7 x 21 cm



Mulheres
Quilombolas
na Luta



Representantes do Quilombo São Pedro, do município de Eldorado - SP, no Vale do Ribeira, relatam as suas memórias e experiências a partir do Sistema Agrícola Tradicional Quilombola que é reconhecido como Patrimônio Imaterial do Brasil pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN. O documentário resulta da parceria entre a Associação Museu Afro Brasil e a Associação dos Remanescentes de Quilombo de São Pedro, iniciada em 2017 para contribuir com a preservação e a extroversão do patrimônio, da memória e da cultura do Quilombo São Pedro, a partir do Programa Conexões Museus SP, do Sistema Estadual de Museus de São Paulo - SISEM-SP.

QUILOMBO SÃO PEDRO
MODO DE SER E VIVER
Eldorado, São Paulo, Brasil.
2023

Duração: 35"
Classificação: Livre

Direção

Luiz Marcos de França
Dias e Paulo Pereira

Roteiro

Amanda Nainá dos Santos,
Andrey das Neves Pupo,
Letícia Ester de França,
Márcia Cristina Américo,
Valni de França Dias
e Vanderlei Ribeiro

Entrevistas

Andrey das Neves Pupo,
Gabriel dos Santos Rocha,
Juliane Duarte Prado e
Letícia Ester de França

Fotografia e Câmera

Latoya Winnie e Paulo Pereira

Edição

Teia Documenta

Produção

Associação Museu Afro
Brasil e Associação
dos Remanescentes de
Quilombo de São Pedro

Assistente de produção

Janderson Brasil Paiva

Trilha Sonora

Luiz Marcos de França Dias

Tradução Libras

Mão Preta Libras

Parceria

Sistema Estadual de Museus
de São Paulo - SISEM-SP

**Projeto vinculado ao
Programa Conexões
Museus SP**



Assista
no Youtube



Visite a exposição virtual *Quilombo
São Pedro* no *Google Arts & Culture*



Quilombo São Pedro



Esporte Clube São Pedro

EXPOSIÇÃO

ROÇA É VIDA

no Museu Afro Brasil Emanuel Araujo





Mexendo e experimentando, trabalhamos a roça de coivara para alimentar todas as famílias comunidade. Todo esse conjunto de saberes e técnicas passado de geração a geração, e a interação com todos os elementos da natureza, são conhecimentos que fazem parte de um grande ciclo conhecido como Sistema Agrícola Tradicional Quilombola.









ASSOCIAÇÃO DOS REMANESCENTES DE QUILOMBO DE SÃO PEDRO

LUIZ MARCOS DE FRANÇA DIAS
Presidente

VANESSA DE FRANÇA
Vice-presidente

PATRÍCIA FRANÇA DA ROSA
1ª Secretária

HELOISA DE FRANÇA
2ª Secretária

SIDNEI MORATO
1º Tesoureiro

REGIANE LILIAN DE FRANÇA
2ª Tesoureira

JOSÉ DA GUIA RODRIGUES MORATO
JOSÉ LUIZ DE FRANÇA DIAS
LETÍCIA ESTER DE FRANÇA
Conselho Fiscal

ROSELI RIBEIRO FURQUIM
Suplente de Conselho Fiscal

AMANDA NAINÁ DOS SANTOS
ANDREY DAS NEVES PUPO
LETÍCIA ESTER DE FRANÇA
VALNI DE FRANÇA DIAS
VANDERLEI RIBEIRO (DECO)
Grupo de Trabalho Museu Quilombo São Pedro

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

TARCÍSIO DE FREITAS
Governador do Estado

FELÍCIO RAMUTH
Vice-Governador do Estado

MARILIA MARTON
Secretária de Estado de Cultura
e Economia Criativa

MARCELO ASSIS
Secretário Executivo de Estado de Cultura
e Economia Criativa

DANIEL SCHEIBLICH RODRIGUES
Chefe de Gabinete

KARINA SANTIAGO
Coordenadora da Unidade de Preservação
do Patrimônio Museológico

RENATA CITTADIN
Diretora do Grupo Técnico de Coordenação
do Sistema Estadual de Museus

VANESSA COSTA RIBEIRO
Diretora do Grupo de Preservação
do Patrimônio Museológico

DENISE DOS SANTOS PARREIRA
Diretora do Núcleo de Apoio Administrativo

ANGELITA SORAIA FANTAGUSSI
DAYANE ROSALINA RIBEIRO
ELEONORA MARIA FINCATO FLEURY
KELLY RIZZO TOLEDO CUNEGUNDES
LUANA GONÇALVES VIERA DA SILVA
MARCIA PISANESCHI SORRENTINO
MARCOS ANTÔNIO NOGUEIRA DA SILVA
MIRIAN MIDORI PERES YAGUI
REGIANE LIMA JUSTINO
ROBERTA MARTINS SILVA
SOFIA GONÇALEZ
TAYNA DA SILVA RIOS
THIAGO BRANDÃO XAVIER
Equipe técnica da Unidade de Preservação
do Patrimônio Museológico

ASSOCIAÇÃO MUSEU AFRO BRASIL (Organização Social de Cultura)

EMANOEL ARAUJO
(in memoriam)
Idealizador e Fundador

DIRETORIA

HÉLIO SANTOS MENEZES NETO
Diretor Artístico

RENEI PEREIRA MEDEIROS
Diretor Administrativo Financeiro

SANDRA MARA SALLES
Diretora Executiva

ESTELA MARIA OLIMPIO
Assistente de Gestão Executiva

RODOLFO BELTRÃO
Assessor de Planejamento e Gestão

GABRIEL MOREIRA DOS SANTOS
Analista Administrativo Júnior

BIBLIOTECA

JANAINA FRANÇA DE MELO
Bibliotecária Sênior

COMUNICAÇÃO E DESENVOLVIMENTO INSTITUCIONAL

ALESSANDRO AUGUSTO FERREIRA PELLEGRINI
Coordenação

GABRIEL JONATHAN DE SOUZA CRUZ
Analista de Comunicação Pleno

CONEXÕES MUSEUS SP

JANDERSON BRASIL PAIVA
Analista de Articulação em Rede Pleno

DOCUMENTAÇÃO E ARQUIVO

WINDERSON JESUS GOMES
Técnico em Documentação e Arquivo

EDUCAÇÃO

SIMEIA DE MELLO ARAUJO
Coordenação

SIDNEY RODRIGUES FERRER
Educador Sênior

FABIO EDUARDO MATIAS SIQUEIRA
GABRIELLE NASCIMENTO BATISTA
JULIANE DUARTE PRADO
RAPHAELLIE LÁZARO REZENDE SILVA MACIEL
UILA GARCIA CARDOSO JUNIOR
YAO JEAN PIERRE BERANGER KOFFI
GABRIELA LAGES GONÇALVES
FRANCISCO PHELIPE CUNHA PAES
GUILHERME RENAN DOMINGOS
Educadores

KEVIN ROMANI SANTOS AMARAL
Estágio em Educação

ALESSANDRA ROCHA DE SOUSA
Supervisora de Atendimento

EXPOSIÇÕES E PROGRAMAÇÃO VISUAL

CLÁUDIO ROBERTO NAKAI
Coordenação

MAKAYA MAYUMA BEDEL
Assistente Editorial

ROSA APARECIDA DO COUTO SILVA
Assistente de Planejamento Curatorial

JOSÉ CARLOS GABRIEL
Técnico em Montagem

VALDINEI DE JESUS JUNQUEIRA
Assistente Técnico de Montagem

AÉLIO SANTIAGO DOS SANTOS
SÉRGIO FRANCO DA SILVA
Marceneiros

ADALBERTO ANTONIO PIRES DE JESUS
FERNANDO DA SILVA AMORIM
½ Oficiais de Marcenaria

GILBERTO ALMEIDA SANTOS
Pintor

PESQUISA

JOYCE FARIAS DE OLIVEIRA
Pesquisador II

CAMILE MARIA PEREIRA ROSSETTO
Assistente de Pesquisa

PRODUÇÃO E PROGRAMAÇÃO CULTURAL

ZÉLIA RODRIGUES PEIXOTO
Coordenação

ALINE JOSIANE DOS SANTOS SILVA
Assistente de Produção

MAURICIO DE SENA MONTEIRO
Estagiário

PROJETOS

CAELI DA SILVA GOBBATO
Analista de Projetos

SALVAGUARDA

ANDREA ANDIRA LEITE
Coordenação

MILENA CATTINI MAXIMIANO
Documentalista Júnior

RENATO FELIX PEREIRA
Conservador Sênior

JUREMA LETICIA BERALDO LEITE
Conservadora Júnior

MARCIA CRISTINA GABRIEL RODRIGUES
Técnica em Documentação Sênior

KAUÊ FURLAN LORIANO
Auxiliar Técnico em Conservação do Acervo

THAINA TEIXEIRA DA SILVA
Estágio em Conservação

SETOR ADMINISTRATIVO FINANCEIRO

CONTRATOS/ JURÍDICO

EDNA LÚCIA DA CRUZ
Analista Administrativo Jurídico Sênior

LEONARDO HENRIQUE DA CONCEIÇÃO CORDEIRO
Jovem Aprendiz

COMPRAS

FABIO MATHIAS
Comprador Pleno

FINANCEIRO

JOSÉ VALDIR ANZOLIM
Coordenação

HAROLDO DOS SANTOS MENDES
Analista Financeiro

RAYSSA RODRIGUES DA SILVA
Auxiliar Administrativo Financeiro

ALMOXARIFADO E IMOBILIZADO

ADRIANO APARECIDO DE JESUS DO CARMO
Assistente de Almoarifado

JANISON SILVA MENDES
Assistente de Almoarifado

BILHETERIA/ LOJA

ALCIDES SANTOS
Assistente de Infraestrutura

GILSON DE OLIVEIRA SANCHEZ
Bilheteiro

MOISES SOUZA LIMA
Vendedor

RECURSOS HUMANOS

ELAINE CRISTINA DE MENESES
Coordenação

KENDELY DE OLIVEIRA
Assistente de Recursos Humanos

INFRAESTRUTURA

ALEXANDRE SILVINO PEREIRA
Supervisor de Facilities

ROSANGELA OLIVEIRA SANTOS
Auxiliar de Facilities

GELSON SANCHEZ GIMENEZ JUNIOR
MATHEUS DE CARVALHO COELHO
Assistentes Administrativo (Acolhimento)

LUIS DA SILVA VIEIRA NUNES
SAMUEL ALEX DO NASCIMENTO MENDES
Eletricistas

LUCAS EDUARDO DO NASCIMENTO MENDES
Oficial de Manutenção Predial

LUCIANO ANDRADE DOS SANTOS
½ Oficial de Manutenção Predial

KEVIN LUÍS NUNES VIERA
Auxiliar de Manutenção Predial

CLAUDIO ALVES
CLAUDIO DISESSA
FRANCISCO HELVECIO DE MIRANDA
HOMERO MARCIANO VIEIRA FILHO
PEDRO DAS DORES SANTOS
REINALDO DA MATA SANTOS
Vigias

CONSELHO ADMINISTRATIVO

HUBERT ALQUERES
Presidente

ANTÔNIO RUDNEI DENARDI (in memoriam)
FRANCISCO VIDAL LUNA
GEORGE ACOHAMO BRASILIANO DE LIMA
JANDARACI FERREIRA DE ARAUJO
JOYCE FARIAS DE OLIVEIRA
LUIS CARLOS GOUVEIA PEREIRA
MARIA TEREZA MARSICANO RODRIGUES
ROSANA PAULINO
RUY SOUZA E SILVA
WELLINTON FRANCISCO DE SOUZA PEREIRA

CONSELHO FISCAL

ANNA GABRIELA FERREIRA MENDES DA ROCHA
JOÃO WAGNER GALUZIO
PATRICIA TADEU DE ALBUQUERQUE

CATÁLOGO ROÇA É VIDA

ALICE JARDIM
Projeto Gráfico

HENRIQUE LUZ
Registros Fotográficos da Exposição

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Catálogo da exposição [livro eletrônico] : Roça é vida /
curadoria compartilhada Associação dos Remanescentes de
Quilombo de São Pedro, Museu Afro Brasil Emanoel Araujo. --
São Paulo : Museu Afro Brasil, 2024.
PDF

Vários colaboradores.
ISBN 978-65-89568-07-0

1. Arte afro-brasileira 2. Arte - Exposições - Catálogos 3. Museu
Afro Brasil Emanoel (SP) 4. Quilombos - Brasil I. Associação dos
Remanescentes de Quilombo de São Pedro. II. Museu Afro Brasil
Emanoel Araujo.

24-210968

CDD-709.81

Índices para catálogo sistemático:

1. Museu Afro Brasil Emanoel Araujo 709.81
Tábata Alves da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9253

APOIO



PARCERIA

ASSOCIAÇÃO DOS REMANESCENTES
DE QUILOMBO DE SÃO PEDRO

GESTÃO



museuafrobrasil
EMANUEL ARAUJO

REALIZAÇÃO

SISEMSP

CULTSP

Secretaria de **Cultura, Economia e Indústria Criativas**



SÃO PAULO
GOVERNO DO ESTADO
SÃO PAULO SÃO PAULO